

CORRELAÇÃO ENTRE ESTRUTURAS CAUSATIVAS E ESTRUTURAS ERGATIVAS

Estudo de caso no processo de aquisição

REGINA CÉLI MORAES WHITAKER FRANCHI
(Pós-Graduação-IEL)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho*, examinarei alguns aspectos das construções transitivo-causativas, em sua correlação com as construções intransitivo-ergativas¹, com referência direta ao processo de aquisição, colocando-os sob duas diferentes perspectivas teóricas: a' interacionista-construtivista e a que se vincula ao quadro gerativista. No caso da primeira, sirvo-me de trabalhos de Attié-Figueira (1985, 1987), que além de oferecer um excelente tratamento de questões de construção da gramática pela criança, coloca à disposição um corpus analisado cuidadosamente em suas condições contextuais. A perspectiva gerativista se constrói segundo as versões mais recentes (Chomsky, 1981, 1986), refletidas nos textos sobre aquisição publicados em Roeper e Willians (1987).

Tentarei mostrar como os dados e processos evidenciados em Attié-Figueira não são incompatíveis com uma análise em termos de uma teoria de princípios, proposta por Chomsky, no que diz respeito aos aspectos mais puramente "gramaticais". Não pretendo, porém, decidir, com base em um estudo tão delimitado, entre uma e outra posição, nem conciliar seus pressupostos radicalmente contrários (interacionismo-social/mentalismo inefsta). Mas o estudo me parece mostrar uma certa complementaridade inesperada em perspectivas tão distintas teórica e metodologicamente que deveria receber uma reflexão mais aprofundada.

* Agradeço a Rosa Attié-Figueira não somente pelo uso e abuso dos dados que colidui e analisei, mas pelas exposições em aula de que me sirvo e observações que fez a uma primeira versão deste texto. Os limites deste texto me impedirão de fazer justiça a autora: seu trabalho ultrapassa de longe os aspectos estreitos que vou considerar. Agradeço também as sugestões e pistas bibliográficas de Carlos Franchi. Sou responsável por todos os desacertos.

1. OS DADOS, SOB O PONTO DE VISTA INTERACIONISTA-CONSTRUTIVISTA

Estudando a aquisição da classe dos verbos causativos por uma criança na faixa etária de 2;8 a 5 anos (Anamaria), Attié-Figueira registrou inicialmente dois tipos básicos de desvios, relacionados à expressão de causatividade: 1. o que consiste no uso de um item verbal ergativo como causativo; 2. o que consiste no uso de um item verbal causativo como ergativo; respectivamente:

- (1) Quem saiu este esmalte do dedo? [sair/tirar] 2;11.15
(2) Olha, tirou o meu esmalte [tirar/sair] 4;05.27

A hipótese levantada pela autora para dar conta desses desvios é sintática e semanticamente motivada: nesse momento do desenvolvimento a criança, não tendo ainda fixado a diátese específica² desses itens verbais, usa-os indiferentemente em construções causativas ou ergativas. É a ordem sintática dos constituintes (a posição pré-verbal reservada ao agente³ (a posição pós-verbal reservada ao objeto afetado) o recurso sintático expressivo suficiente para passar de uma a outra construção.

Apóia essa hipótese o fato de que os SN's lexicais na função temática de objeto afetado (ou causado), que em construções ergativas ocupam normalmente a posição pré-verbal (de "sujeito") são mantidos na posição pós-verbal, típico do "objeto direto" (cf. nota [3]). Basta observar que, dos 43 exemplos com tema explícito, 37 são construídos com esse elemento na posição pós-verbal, como em

- (3) a - Derrubou isso [derrubar/cair] 3;07
b - Tirou a ponta do lápis [tirar/sair] 4;02.07

Observei, aliás, que os seis exemplos com o tema em posição pré-verbal possuem propriedades sintáticas (e funcionais) especiais. Quatro deles, são construções de tópico; outros dois, pronomes pessoais que, como verei adiante, se comportam sempre diferentemente dos SN's lexicais.

A autora sugere que, seja qual for a regra abstraída pela criança, terá muito a ver com o que se observa no comportamento de outros verbos causativos sintáticos (isto é, o mesmo item se usa tanto na estrutura ergativa, quanto na estrutura causativa, como é o caso de "abrir"). A criança poderia estar assumindo que muitos ou todos os verbos tenham a mesma flexibilidade: o sentido causativo e o ergativo é determinado pelo

contexto sintático em que o item verbal ocorre, caracterizados pela presença ou ausência de um sujeito-ergativo. Assim, uma construção causativa se realizaria pelo preenchimento da posição pré-verbal por um elemento animado (4-a) ou inanimado (4-b):

- (4) a - A Luiza veio uma menima hoje aqui [trouxe] 3;11
b - A outra (cama elástica) que cai [derruba] 3;01

Uma última observação: as causativas sintéticas se empregam tanto para casos de causação direta, manipulativa e imediata quanto para casos de causação indireta, diretiva e mediata (cf. Shibatani (1975)). Os exemplos abaixo, do segundo caso que poderia parecer menos frequente, dispensam comentário:

- (5) a - [A criança dá gelatina na boca da irmã; a mãe adverte:]
M - Não deixa cair, hein!
A - [Vendo a irmã bater a mão na colher e responsabilizando-a:] Ela
caiu (derrubou a colher) 4;07.14
b - [A criança está escrevendo; a mãe se aproxima e toca sem perceber
na mão dela] Ai! cê me errou! 4;10.27

A expressão perifrástica das causativas com **fazer** pode ser vista como um mecanismo posterior que abre lugar para um novo argumento seja em uma estrutura do tipo **fazer + ergativo** (6, a), tornando a estrutura causativa, seja em uma estrutura do tipo **fazer + causativo**, (6, b), permitindo introduzir um agentivo secundário em uma expressão que pode, já de si, comportar um agente.

- (6) a - Meu pai fez eu acordar 3;07.07
b - Quem fazeu ele tirar ela daí 4;07.21

Considerando diferentes modos de causação, a autora assume que as construções causativas com **fazer** permitem a formulação de modos mais complexos, particularmente daquele que, segundo os critérios de Shibatani, corresponderia à causação indireta e diretiva em oposição à causação direta e manipulativa, aquela expressa geralmente pela construção perifrástica e esta normalmente pelas formas causativas sintéticas na linguagem do adulto.

Uma das tarefas de Attié-Figueira é examinar como a construção perifrástica emerge na fala de seu sujeito. Observou que ela manifestou-se na fala de Anamaria por volta de três anos de idade, sendo o período

do de maior incidência (3;11 a 4;11) posterior a outro em que predominavam as estruturas sintéticas para a expressão indiferenciada da causatividade.

As primeiras ocorrências se situam em contextos que permitem formular a hipótese de que se originam de uma premência discursiva. Esses contextos se caracterizam por um jogo interpessoal em que a criança sente necessidade de se recusar o papel de agente para evitar a responsabilidade culposa pelo evento causado.

- (7) [Obedecendo aos pais, a criança fizera o mesmo caminho sala-quarto várias vezes para guardar seus brinquedos. Ao final, os pais constatam que ela está molhada de suor. A criança se dirige então a mãe:] Foi você que me fez molhada. 3;00.12
- (8) [Anamaria tinha espalhado discos no chão e está quase pisando neles]
M - Não pisa nas coisas não, Anamaria
[A mãe esbarra na criança e faz com que ela pise no material]
A - Você que tá fazendo pisar 3;02.25

A autora acredita que “a maior parte das ocorrências com **fazer**” se dão em contexto de transferência de responsabilidade”, com alguns exemplos de “assunção de culpa” (p.213). Assim, elas permitiriam estender as opções da criança, recortando em diferentes esquemas as construções causativas, passando daquilo que se reconhece nas causativas sintéticas como causatividade direta, imediata e manipulativa para a causatividade indireta, mediata e não manipulativa.

A autora, quando se refere a essa vinculação contextual da emergência das construções sintáticas, de seu efeito comunicativo e discursivo na interação criança-adulto, fala em “eficácia externa” da estruturação da linguagem. Entretanto, não é somente esse o papel da emergência e uso progressivo das construções com **fazer** no desenvolvimento da linguagem da criança.

De fato, entre 3 e 5 anos, Anamaria apresenta tanto enunciados “corretos” quanto enunciados desviantes:

- (9) a - Quem vai matar ele? / Quem morreu ele?
b - A Pita tirou a casquinha do dedo / Eu saio você do berço

em que não considera as oposições entre ergativos e causativos, mostrando que os itens verbais envolvidos, mesmo ocorrendo na fala da criança, continuam formas “ainda por analisar”. Quando, porém, passa a fazer uso sistemático da forma perifrástica para expressar causação direta e mani-

pulativa, podendo correlacioná-la a um item causativo sintético já constante de seu vocabulário, pode especificar cada uma dessas construções em seu papel. Trata-se já de um processo "epilingüístico", isto é, em que a criança estabelece uma relação de paráfrase entre as duas construções, operando sobre o próprio objeto lingüístico e expressando um processo de análise. Isso é o que indica o fato de que, quando mais usa as causativas perifrásticas, há uma diminuição nos desvios de tipo 1, do uso de um ergativo por um causativo; continua, porém, e até com maior frequência, o processo inverso de intransitivização de um item causativo.

As construções causativas com *fazer*, além de sua eficácia externa, possui, pois, uma eficácia interna: leva a criança a reorganizar o seu sistema lingüístico, servindo-se da relação entre essa construção e outras. Esse papel estruturador incide sobre o léxico na medida em que possibilita uma análise do material lexical e o reconhecimento de oposições entre os itens causativos sintéticos - **matar**, **tirar** - como ativo-agentivos e itens não agentivos como **morrer**, **sair**.

2. ALGUMAS QUESTÕES EM ABERTO

A descrição e explicação do processo de aquisição das construções causativas, tal como se viu, deixa sempre algumas dúvidas e questões em aberto (como é natural). A primeira é relativa à emergência das construções com **fazer**, vinculada a contextos de transferência de culpa. De fato, as ocorrências trazidas em (7) e (8) se inserem nesse tipo de contextos. Mas o uso sucessivo imediato das construções com **fazer** levam a questionar uma associação precoce do uso da estrutura causativa perifrástica a um modo específico de causação: indireta, não manipulativa e mediata, segundo os critérios de Shibatani.

Uma segunda questão é metodológica: há um período relativamente longo (de 3;00 a 4;06), que se caracteriza por um pequeno número de ocorrências, em que a criança não parece usar consistentemente a nova forma, causativa perifrástica. Julguei prudente considerar esse período como o de emergência, para confrontá-lo com um segundo (de 4;6 a 4;11), em que um notável aumento das construções com **fazer** (20 ocorrências aos 4;9) parece indicar um uso sistemático dessas estruturas.

Examinei, uma a uma, as interpretações da causação em todas as ocorrências. Mas antes de apresentar os resultados, devo fazer uma observação. Trata-se de salientar certas dificuldades na aplicação dos critérios de Shibatani: muitas delas deixam em aberto várias possibilidades de classificação (dependendo das leituras e dos contextos possíveis). Basta

lembrar que critérios como “a vontade do causador”, ou “levar em conta a vontade do causador” não são observáveis nem inferíveis em situações em que causador são elementos inanimados, caso bastante freqüente. E nem sempre se podem distinguir categorias como “direta” de “imediate”, ou “mediate” de “indireta”, embora não se confundam nos exemplos mais claros.

Por isso, efetuei minha análise sobre um número menor de ocorrências: aquelas suscetíveis de um tratamento classificatório inequívoco (33 sobre 57, no caso das categorias manipulativa/não manipulativa; 52 sobre 57, no caso das categorias direta/indireta; 57 no caso das categorias mediate/imediata; 44 sobre 57, no caso das combinações dessas categorias).

Também não existe uma correlação entre as causações, a um tempo mediate-indiretas-não manipulativas em contraposição a causações imediatas-diretas-manipulativas, a primeira delas constituindo a “chave” para a emergência das construções com **fazer**. De um total de 15 ocorrências, no primeiro período considerado, 8 delas correspondem a diferentes combinações das categorias descritivas.

Com essas observações, extensíveis à análise do segundo período, resumo no quadro abaixo os meus achados:

(10)

Modo de causação	1º período		2º período		1º + 2º período	% do total
		%		%		
não-manipulativo	6	50,0	6	27,2	12	38,2
manipulativo	6	50,0	16	72,7	21	61,7
[total parcial]	12	100,0	22	100,0	33	100,0
indireto	9	39,1	14	48,2	23	44,2
direto	14	60,8	15	51,7	29	55,7
[total parcial]	23	100,0	29	100,0	52	100,0
mediate	15	62,5	16	48,4	31	54,3
imediato	9	37,5	17	51,5	26	45,6
[total parcial]	24	100,0	33	100,0	57	100,0
Combinações:						
manip/dir/imed.	2	13,3	10	34,4	12	22,2
ñ-manip/ind/med.	5	33,3	3	10,3	8	6,6
outras combin.	8	53,3	16	55,1	24	53,3
[total parcial]	15	100,0	29	100,0	44	100,0

Alguns comentários. Se tenho razão de considerar o primeiro período como o período de emergência, os dados acima parecem pelo menos enfraquecer bastante uma hipótese de vinculá-la a uma interpretação contextual como de causação não manipulativa, indireta e mediata. A análise mostra que é irrelevante a distinção entre causação manipulativa e não manipulativa (6 a 6) e que há um número significativamente maior de causação direta (14/23, 60,8%); somente se orienta na direção da hipótese a diferença a favor das causações mediatas (15/24, 62,5%). Considerando as combinações dessas categorias no período de emergência, também se nota um uso indiferenciado das construções com **fazer** quanto às categorias consideradas. De fato, contra 33% das ocorrências correspondentes à hipótese proposta, 13,3% correspondem à combinação inversa e 53,3% a outras combinações possíveis (76,6%).

Parece-me, assim, mais prudente pensar que as construções causativas com **fazer** se introduzem como mecanismo sintático de ampliação da rede temática argumental, criando uma posição marcada para o agentivo, sem que entretanto tenha a criança categorizado diferentes tipos de causação. Em outros termos, embora expressando por essa construção a causação, trata ainda indiferenciadamente seus diferentes matizes.

A análise das ocorrências do segundo período reforça as indicações sobre o uso semanticamente indiferenciado das construções com **fazer**⁴. No caso das causações direta/indireta e mediata/imediata, as diferenças de uso não são significativas (51,7% / 48,2%; 51,5% / 48,4%). No caso das manipulativas e não manipulativas a tendência é justamente no sentido de um uso dessa construção com o primeiro valor (72,7% / 27,2%). Predominam, portanto, os casos de causações manipulativas, diretas e imediatas (ao contrário do que se poderia esperar).

Tudo isso nos convida a considerar a associação das construções de **fazer**, mesmo nos contextos de emergência, como não especializadas, e sim indiferenciadas na expressão de diferentes tipos de causação. Na verdade, Attié-Figueira não desconsidera isto. O uso indiferenciado das causativas com **fazer** é justamente uma condição para uma correlação com as causativas sintéticas em uma série de processos em que mostra a eficácia interna daquelas estruturas na reestruturação do sistema gramatical da criança. Percebe como uma proposta puramente interacionista se esgota, quando se chega a esse processo epilingüístico que somente seria eficaz com a consideração de aspectos paradigmáticos e estruturais mais abstratos.

Dai a associação da perspectiva interacionista a uma perspectiva construtivista. Mas justamente isto me levanta outras questões. Essa atividade construtiva da criança seguiria um curso próprio? Seria livre de

quaisquer princípios mais gerais e parâmetros específicos? E ainda, bastaria constatar a existência dessa atividade ou deve-se exigir resposta mais direta a questões como: por que tais construções são como são e não outras? Por que entram em jogo essas funções temáticas e não outras? por que se dá uma operação e não outras?

Penso que uma proposta explicativa deve tentar responder a essas questões. Mas isso exige de mim ainda uma passagem por uma análise das propriedades sintáticas dessas construções.

As construções causativas com **fazer** não constituem um conjunto homogêneo. Como observa Comrie (1981, p. 162), sob um olhar superficial as estruturas com **fazer** parecem ser construções com dois predicados autônomos, um expressando a causatividade e outro o evento, estado ou propriedade causada. Tratar-se-ia, assim, da expressão de uma macro-situação causativa em termos de duas micro-situações, especialmente clara nos casos de causação mediata. Entretanto, nem sempre isso ocorre e essa aparente clareza logo se dissolve. E é o que ocorre se estudamos as construções causativas no corpus de Anamaria.

Um primeiro tipo de causativa nessa fala é uma construção com **fazer** em que, de fato, se distinguem dois predicados, o da oração principal e o da oração causada no infinitivo; cada um dos dois verbos toma seu próprio conjunto de argumentos. Em

(11) [Quem fazer [ele tirar ela daí]]

4;07.21

fazer toma como argumentos o causador “quem” e o evento causado (a oração infinitiva); **tirar**, um agente, um paciente e um locativo (“ele”, “ela”, “daí”).

Esse tipo de construção ocorre com frequência nos dados de Anamaria. Mas uma análise cuidadosa mostra que as expressões complexas com mais de um argumento na oração complemento são extremamente raras (2/27). Há somente dois exemplos desse tipo de construção com verbos transitivos e com objeto explícito. Nos outros 25 casos, trata-se de verbos intransitivos como em

(12) Eu faço ele andá

3;03.20

Além disso, na maioria dos casos, o elemento na posição pré-verbal do infinitivo é pronomes pessoais (23/26). Só duas exceções e tardias, à essa sistêmica realização pronominal do sujeito da infinitiva:

(13) a - O vento faz o cabelo da gente ficar bonito

4;09.02

b - Faz a velhinha desmaiar

4;11.06

Salvo essas duas ocorrências, nas nove construções em que o elemento causado se instancia como SN lexical, este vem em posição pós-verbal, como em

- (14) a - A chuva fez cair a amora 3;09.29
b - A subida faz pesar a barriga 4;08.05

Em outros 19 exemplos, o elemento causado não vem explícito, em construções em que, em minha análise, não se preenche a posição argumental pós-verbal

- (15) a - Faço sair [e] 3;11.13
b - Eu vou fazer tirar [e] (tirar/sair) 4;09.05

Destaque-se inicialmente o fato de que a maioria absoluta das ocorrências é como verbos intransitivos ou "intransitivizados" pela implicação dos argumentos⁵. O fato de que na maioria desses exemplos o elemento causado é muitas vezes inanimado e, quando animado, não agente, explica as dificuldades apontadas antes para a aplicação dos critérios de Shibatani.

Mas a observação mais importante diz respeito ao paralelo entre as causativas sintéticas e as causativas analíticas. Em ambas as construções, o causado, objeto afetado, expresso por SN's explícitos, está na posição pós-verbal (anotadas as duas exceções) e em posição pré-verbal quando realizadas por pronomes pessoais. Assim, na gramática desse período ((*) significando construções não usadas por Anamaria) teríamos:

- (16) a - Ele tirou (tirar/sair)
b - (*) Tirou ele

- (17) a - Eu faço [ele andar]
b - (*) Eu faço [andar ele]

- (18) a - Tirou o esmalte (tirar/sair)
b - (*) O esmalte tirou

- (19) a - O resfriado fez [entupir o nariz] (7 em 9)
b - (*) O resfriado fez [o nariz entupir] (2 - tardios - em 9)

À primeira vista, pois, observa-se que a criança, na medida em que analisa e usa produtivamente essas construções (provavelmente a

partir de 4;06), faz isso sistematicamente operando (com **fazer**) sobre estruturas já adquiridas. Desenvolve, assim, um diferente recurso expressivo da causação, que justifica as observações de Attié-Figueira correlacionando esse fato a uma sensível redução dos desvios 1. Há, porém, quatro exemplos, distribuídos relativamente no tempo, que me colocam um problema suplementar. Exemplifico com dois deles:

- (20) a - Ele me fez passear 3;08.26
b - Um dia a Luiza me fazer beber dessa aqui 3;11

Em minha análise (que justificarei em 3), o operador **fazer** e o verbo operando formam uma unidade predicativa complexa⁶ nessas construções. Assim, esses exemplos, salvo pelo fato de utilizarem um pronome objeto clítico, em vez de um sintagma nominal explícito, corresponderiam a orações como:

- (21) a - Ele me [fez passear]
b - A chuva [fazer cair] a amora

Esta análise tem a vantagem de reforçar a hipótese de um processo de correlação entre a construção perifrástica e a construção sintética que fiz logo acima, seguindo Attié-Figueira:

- (22) a - Você [saiu] o esmalte do dedo
b - Você [fez sair] o esmalte do dedo

Há indícios que justifiquem acreditar que a criança, além de operar com o verbo **fazer** sobre estruturas oracionais já adquiridas, procede a essa reanálise estrutural? Parece que sim: dispõe de inúmeras evidências positivas nos exemplos em que os dois verbos aparecem contíguos na estrutura linear, como os de (14), (15) e da nota (5). Só que não falarei de "reanálise" mas de uma análise alternativa, certamente não relacionada com a anterior.

Um comentário final ao paralelismo encontrado entre as construções sintéticas e analíticas. O que surpreende é que as construções correspondem diretamente aos esquemas estruturais de uma língua ergativa, não somente pelo fato de se construir o "sujeito" nominal das intransitivas como o "objeto direto" nas transitivas, mas ainda pelo aspecto específico de fazerem exceção justamente os pronomes pessoais .

Esta observação vai na direção de uma resposta afirmativa à questão sobre a "independência" dos processos epilingüísticos construti-

vos em relação aos dados ou evidências oferecidos na fala do adulto. Embora construções semelhantes sejam possíveis nessa fala são relativamente raras e marcadas. Além disso, na fala do adulto, tanto as construções ergativas, como as causativas com **fazer**, se empregam com o objeto afetado na posição de sujeito. Por que a criança escolhe justamente um modo de estruturar de padrão ergativo, quando a estrutura do português é predominantemente de tipo acusativo? O fato de as hipóteses da criança a levarem a construções de natureza tão específica requer uma explicação que não parece estar presa a condições discursivas, mas a certos princípios estruturais e parametrizados.

3. ALGUNS PRINCÍPIOS E PARÂMETROS OPERANTES

Começo por rever a teoria mais aceita para descrever as construções causativas na linguagem do adulto. Burzio (1981) mostra, com farta argumentação, que existem duas classes diferentes entre os chamados intransitivos. Os intransitivos propriamente ditos e os ergativos, correspondendo cada uma dessas classes, respectivamente, as estruturas:

(23) a - [... [... N ...] [V]]
 SN SV

b - ... [[e] [V [... N ...]]]
 SV SN

Na classe dos ergativos se incluem (além de outros) todos os verbos que podem ocorrer também como causativos. Esses verbos possuem propriedades sintáticas e temáticas peculiares:

- não atribuem função temática à posição do sujeito, o que os distingue no léxico dos intransitivos e dos transitivos;
- o único argumento recebe sua função temática na posição de objeto direto e se comporta sintaticamente como tal;
- essa propriedade é associada a um princípio: "se um verbo não atribui função temática à posição do sujeito, então não atribui caso ao objeto direto"; aliado a outros princípios da gramática, como o filtro de casos, a "generalização de Burzio" leva ao movimento do objeto para a posição de sujeito (como no caso das passivas e com verbos de alçamento)⁷:

(24) [e] abriu a porta → a porta; abriu [e]_i

Uma regra de detematização de um verbo causativo é que correlaciona este com a forma ergativa, possibilitando o movimento sem violação do princípio das funções temáticas⁸. A versão de Borer e Wexler propõe, ao contrário, a operação de um morfema causativo (no caso do inglês e do português, um morfema-O) que adicionaria uma função temática agentiva aos verbos ergativos, permitindo-lhes projetar uma estrutura causativa.

Devo precisar alguns aspectos gerais da teoria a que aludi. Entre as propriedades do léxico, incluem-se as propriedades temáticas dos verbos: a estrutura sintática da oração nada mais é do que a projeção da estrutura relacional temática dos verbos. A própria configuração categorial (antes representada no indicador sintagmático) é uma realização estrutural canônica das categorias funcionais semânticas. Um princípio geral exige que essa estrutura lexical se projete em cada nível sintático da derivação.

A manifestação sintática dessas funções está na atribuição, a cada SN lexical, de um caso sintático abstrato, marcado por processos morfológicos, por relações estruturais, por marcadores lexicalizados como as preposições, pela ordem linear dos elementos, etc. O princípio da visibilidade, intuitivamente (cf. Chomsky, 1986), diz que um elemento é visível para a necessária e adequada interpretação temática somente se recebe um caso.

Com esse quadro sumário de referências, volto ao processo de aquisição, para tentar encontrar resposta a algumas das questões que formulei, começando por buscar entender como a criança vai elaborando a diátese dos verbos em questão e sobre que bases.

A construção do léxico, com a fixação das propriedades temáticas específicas em cada item, é um processo longo e dialético. Envolve a articulação dos adquiridos em cada um dos módulos da gramática. Um ir-e-vir a cada nova experiência interativa, a cada evidência positiva analisada, numa contínua reestruturação na direção do sistema gramatical de sua língua.

Como observa Attié-Figueira, no período considerado, a criança não fixou a diátese dos pares de verbos causativos/ergativos com a oposição que predomina na linguagem do adulto. A criança ainda não opera com a "noção" de um juízo causativo que requer a escolha de um item lexical específico. Há razões para supor que, do ponto de vista da elaboração da diátese verbal, em vez da decausativização, ou seja, da redução de redes temáticas mais complexas (causativas) a redes temáticas mais simples (ergativas), ocorre uma causativização de um núcleo relacional constituído por um verbo e um tema (fundamental em Gruber (1965) e

Jackendoff (1972, 1983, 1987). Por que o privilégio dessa função temática?

Uma primeira razão está no fato de que a função tema (o elemento modificado, movido, situado no processo) é a que possui o papel decisivo na especificação do sentido do verbo. É fácil ver, nas orações abaixo, como o resultado da substituição de temas (25-a) é muito mais determinante da significação verbal (e do processo como um todo) do que a substituição de agentivos (25-b):

(25) **um cavalo bravo**
a - Estou montando **um quebra-cabeça**
uma estante
a argumentação⁹

O vento

b - **O carpinteiro** está desmontando a estante
João

Por isso, Marantz (1984) fala em uma assimetria das funções temáticas e de uma assimetria entre sujeito e objeto direto, conferindo a este uma relação direta com o núcleo verbal. Esta mesma assimetria se expressa na teoria pela distinção entre argumentos internos e externos (Williams, 1984). O SN-sujeito, de um verbo transitivo-causativo, ao qual se associa uma função agentiva é um argumento externo, não somente por não especificar do mesmo modo que os complementos a diátese verbal, mas também por não ser diretamente regido pelo núcleo verbal: recebe sua função temática **composicionalmente** de todo sintagma predicativo, já estruturado na relação com seus complementos (Marantz, 1984; Chomsky, 1986).

Pode-se, agora, entender por que a presença ou não de uma função temática agentiva, atribuída a uma argumento externo, não possui um papel relevante, na caracterização da diátese verbal no período de aquisição considerado. Sugiro que a elaboração da rede temática tem que passar pelo processo inicial de constituição do sintagma verbal prevalecendo inicialmente a estrutura interna do núcleo verbal e de seu tema, composicionalmente responsável pela função temática do argumento externo. Nesse caso, não há como distinguir, em um primeiro período, independentemente da presença ou não do sujeito, entre:

(26) a - Tirou a ponta (do lápis) 4;02.07
b - Saiu a ponta (do lápis)
(27) a - Luiza [veio uma menina] 3;11
b - Luiza [trouxe uma menina]

Em consequência, o princípio da projeção das propriedades lexicais sobre a estrutura sintática da oração não se aplica, senão frouxamente, no que diz respeito a função temática externa, ainda não incorporada como parte da diátese verbal. É esta situação que se ajusta bem ao princípio de Borer e Wexler:

(28) A menos que especificado, são externos todos os argumentos ou funções temáticas que são adicionados ou apagados por uma operação morfológica (ou sintática, conforme a versão). Os argumentos adicionados são do tipo agentivos¹⁰.

O que dizer das estruturas sintáticas projetadas nessa situação? Em primeiro lugar, deve funcionar precariamente o princípio da projeção estendida¹¹. De fato, é o que se verifica na observação corrente dos psicolinguistas sobre um grande número de construções sem sujeito (com implicação ou detematização do agentivo) mesmo no caso da aquisição de uma língua não-pro-drop. Hyams (1987) mostra como os primeiros estágios da aquisição do inglês são marcados pela prevalência do uso de orações sem sujeito, como no caso de (29), cujas orações não foram produzidas em contextos imperativos ou desiderativos:

(29) a - Read bear book c - Bring Jeffrey book
 b - Ride truck d - See under there

Nesses e outros corpus analisados, pode-se observar que estão em jogo também certas condições pragmáticas-discursivas: normalmente, como lembra Bloom (1970), o elemento não explícito tem uma referência "pronominal" definida, inferível no contexto discursivo. Mas no subsistema gramatical que estou considerando, a explicação não pode passar por uma recuperabilidade contextual dos agentivos. São propriedades dessas construções: não possuir agentivo implícito. Assim, é preciso dispor de uma explicação, que incorpore mas ultrapasse menos argumentos discursivos, para essa sistemática internalização do tema e sua realização na posição do objeto.

Em perfeito acordo com a intuição de Attié-Figueira, Borer e Wexler propõem que a atribuição das funções temáticas se faz por um procedimento estritamente local, pelo que o elemento tematizado para o papel semântico de objeto afetado (ou tema) receberá essa função no interior do sintagma verbal e, pois, em posição pós-verbal.

O que se quer dizer com isto é que, seja qual for a correção teórica das propostas transformacionais (na sintaxe, como em Fiengo ou

Burzio; no léxico, como em Keyser e Roeper, 1984) de explicação da correlação entre ergativos e causativos na gramáticas do adulto, estas supõem sempre uma atribuição da função temática a uma cadeia funcional, com a identificação dessa função mediante uma relação entre o SN movido e seu vestígio na posição do objeto. Segundo Borer e Wexler, na gramática inicial da criança, o processo de formação de cadeias argumentais não deve estar disponível, do que segue que os SN's devem aparecer na mesma posição na qual lhe são atribuídas as funções temáticas.

Ora, isto vale tanto para o caso do que na linguagem do adulto se analisa como objeto direto, quanto para o caso do que se analisa como sujeito de um intransitivo (cf. nota [9]). Outra vez, isso independe da presença ou não de um agente e mesmo da presença de um operador específico (como **fazer** no português) de introdução desta função. A marcação de caso é feita, assim, pela posição dos argumentos relativamente ao verbo, prevalecendo a posição pós-verbal (para o que a criança possui maior experiências de evidências positivas) para tornar visível o tema. Daí porque a maioria absoluta das orações se constrói com o tema na posição pós-verbal, como em (30) e não como em (31):

- | | |
|---|---------|
| (30) a - (A subida faz) pesar a barriga | 4:08.05 |
| b - Num sai o botão | 3:03.03 |
| (31) a - (*) A subida faz a barriga pesar | |
| b - (*) O batão num sai | |

De fato, as orações de (31) exigiram da criança a possibilidade de identificar a função temática do objeto causado pela cadeia funcional formada pelo sintagma nominal na posição pré-verbal com uma categoria vazia na posição pós-verbal, em que esses sintagmas são tematizados nas estruturas nucleares. Responde-se, assim, à surpresa de haver reconhecido uma sintaxe de padrão ergativo nos dados estudados do corpus de Anamaria. Na verdade, não se trata da seleção entre dois padrões possíveis, o que suporia um processo de análise das estruturas que (concordando inteiramente com Attié-Figueira) não se pode pressupor. Trata-se da consequência de um processo ainda em maturação¹² na aplicação consequente de princípios gerais, sujeitos e certos parâmetros próprios na aquisição, mas de modo bastante consistente.

No que diz respeito às construções com **fazer**, os fatos que inventariei no parágrafo anterior reforçam essa perspectiva. Eles nos orientam em favor de uma primeira análise em que o operador **fazer** toma como escopo as estruturas oracionais já adquiridas. Mas preciso considerar, ainda, uma outra possibilidade, que me foi sugerida pelas construções com

processos semelhantes aos de um “alçamento do clítico”, envolvendo uma “reanálise”¹³.

Em português do Brasil, a construção com **fazer** predominante não supõe reanálise. As infinitivas podem ser flexionadas e atribuir caso nominativo a seu sujeito (livrando-o do filtro de casos que opera em outras línguas nesses contextos). Daí, construções como:

(32) Quem fazeu [ele tirar ela daí]

Entretanto, os exemplos com pronomes clíticos são do tipo que se explica por reanálise, já que tais pronomes, relacionados semanticamente com o verbo encaixado, se cliticizam ao verbo **fazer**. Comparem-se as construções de (33) uma com **fazer** e outras com **querer**:

(33) a - Um dia a Luiza me [fazeu beber] dessa daqui 3;11
b - A Elza não quer [me tomar banho] 4;06.20

Entretanto, propor reanálise para explicar essas ocorrências, levaria a violar certos parâmetros já bem estabelecidos para o período de aquisição: ela pressupõe operações transformacionais sobre uma base estrutural com a conseqüente atribuição e visibilidade das funções temáticas envolvendo cadeias argumentais. Mas se correlacionamos estas construções com o que já vimos sobre as causativas sintéticas, os processos aparecem bem mais claramente. Na verdade, as causativas com **fazer** já se constroem com o objeto afetado, e pois o causado, em posição pós-verbal. O termo “reanálise” fica, no caso, inteiramente inapropriado. Trata-se de uma outra possibilidade de análise, em um período em que predominam, na manifestação das funções temáticas e relações semânticas entre os elementos da oração, as propriedades mais simples da contigüidade e da posição linear. Assim, uma estrutura como a do exemplo (34-a), em que **fazer** opera sobre uma construção ergativa, seria suscetível de uma segunda análise como em (34-b):

(34) a - O resfriado faz [entupir o nariz]
b - O resfriado [faz entupir] o nariz

e é esta segunda análise estrutural que se estende ao exemplo (35-b)

(35) a - Meu pai fez [eu acordar]
b - Meu pai me [fez acordar]

4. CONCLUSÕES

Espero ter mostrado que uma análise mais fina dos dados levantados no processo de aquisição das causativas torna-os inteiramente compatíveis com o que se esperaria de uma construção limitada por certos princípios gerais da gramática. Mais do que isso, espero ter mostrado o interesse de investigar esse e outros processos com um instrumental teórico oferecido pelas recentes versões da Gramática Gerativa na concepção de Chomsky.

O que afasta o pesquisador dessa teoria, quando adota pressupostos que incluem o papel constitutivo da interação social com o adulto na construção dos objetos linguísticos, e o fato de que ela se vincula explicitamente a uma concepção inelista da linguagem. Tais princípios gerais e abstratos não seriam nada mais do que uma representação teórica de uma gramática de base universal inscrita, biológica e geneticamente no cérebro humano, como um módulo específico e autônomo.

Sobre isto, preciso observar que, embora a pesquisa de uma Gramática Universal, seja o núcleo do programa chomskyano, o fato de que os princípios abstratos tenham eficácia descritiva e explicativa (como têm) não constitui, por si só, uma "verificação" das hipóteses (ou pressupostos) inelistas. Por um lado, a recusa dessas teses não deveria levar a ignorar o poder explanatório formal dessa teoria. Como observa Moreno (1987), mesmo que a hipótese inelista viesse a ser completamente refutada, isso em nada afetaria o valor descritivo e explicativo da teoria linguística formulada (enquanto teoria das línguas naturais e não enquanto teoria de uma "linguagem interna").

Se olho pelo outro lado, também parece claro que, embora estejam sempre envolvidos na atividade a linguagem aspectos interacionais e discursivos, dificilmente se pode falar com propriedade que estes são "constitutivos" das estruturas linguísticas em seus aspectos internos. Há, pelo menos, um conjunto de limites impostos pelo próprio material da linguagem aos nossos modos de operar simbolicamente (Franchi, 1986). Pode assim haver outra fonte da consistência e eficácia dos princípios gerais e abstratos da teoria gramatical, independentes das circunstâncias e efeitos da interação.

Para os chomskyanos, todo o processo interacional, mostrado relevante no trabalho de Attié-Figueira, se poderia tomar como o ambiente social indispensável, de atividade efetiva do sujeito, que leva a uma maturação progressiva dos princípios, ativando-os sucessivamente no exercício da linguagem. Para os interacionistas, dever-se-ia falar em um processo de construção conjunta não somente dos recursos expressivos da língua, mas

do sistema de representação em que se interpretam: na interação com os outros, na ação sobre o mundo, na atividade epilínguística sobre a própria linguagem. Mas mesmo neste último caso, a estreita correlação que pode estabelecer entre fatos da aquisição e os princípios abstratos da gramática, definidos independentemente e para a descrição de outros domínios gramaticais, parecem claramente apontar para um processo de construção dependente de condições estritamente lingüísticas, procedam de um sistema inato ou não.

NOTAS

1. Uso "causativo" e "ergativo" no sentido de Burzio (1981), em vez de "incoativo" e "causativo" utilizados por Attié-Figueira, para uniformizar a nomenclatura.
2. O termo diátese se usa no sentido de Franchi (1975). A diátese de um item verbal se caracteriza: a) pelo número dos argumentos que recebem do verbo uma função temática e especificam seu sentido; b) pela natureza ou qualidade dessas funções temáticas; c) pela orientação da relação que se estabelece entre esses argumentos. Por (a) se distinguem "sorrir"/"assustar"; por (b), "assustar"/"cortar"; por (c), "vencer"/"comprar".
3. Attié-Figueira adverte que noções como "agentivo" não se devem tomar, na criança, como noções acabadas. São noções em construção. O mesmo se diga de funções sintáticas como "sujeito", "objeto". "Agentivo", aliás, neste texto, será tomado sempre em sentido lato (Chafe, 1970) pois nem sempre correspondem a um agente animado e intencional, incluindo causadores inanimados, eventos, processos, instrumentos.
4. Essa especialização do uso das construções com **fazer** é mais complexa que a análise da rede temática que Attié-Figueira mostra ainda em curso. Por que pressupor que ela pudesse estar ativa? Valeria, neste caso, a mesma observação que a autora faz a respeito do emprego das causativas sintéticas de forma "correta": a correção aparente dos enunciados da criança em fases iniciais, pode encobrir um estágio de não análise ou de pré-análise que pode levar o leigo a julgamentos precipitados; o investigador deve estar naturalmente prevenido contra tais opiniões, na medida em que sabe que a aquisição de cada nova estrutura lingüística passa por fases das quais a primeira é a de incorporação de segmentos da fala do adulto (ou extensão de sequências já incorporadas que somente adiante são analisados e incorporados em subsistemas (cf. Attié-Figueira, 1987, p.54).
5. Isto deve estar ligado a uma tendência a evitar expressões com vários argumentos. Aquelas em que isso poderia ocorrer são simplificadas pelo recurso a uma categoria vazia na posição de objeto ou de sujeito, como nos exemplos:

- | | |
|--|----------|
| i - Eu que fiz [e] escovar [e] | 4;10.09 |
| ii - Eu vou fazer tirar [e] (tirar/sair) | 4;09.05' |

6. Uso o termo “unidade predicativa” no sentido tradicional de uma “locução verbal” com infinitivo em que o verbo principal se comporta como uma quasi-auxiliar. Nas versões mais aceitas da teoria gerativa, essas construções resultam de processos de reanálise, que formam um predicado complexo (SV + SV), explicando assim o alçamento do clítico ao verbo principal (cf. Kayne, 1975; Rizzi, 1982; Manzini, 1983).
7. Fiengo (1974) anuncia as hipóteses de Burzio, para as quais Chomsky (1981) se inclina. Kayser e Roeger (1984) adotam a distinção de Burzio. Mas pelas dificuldades de justificar uma “detematização” na sintaxe (com violação do princípio de projeção), sugerem tratamento lexical; é uma regra lexical que opera detematizando a função agentiva do verbo causativo; e o movimento se dá ainda no léxico. Em princípios, não há o que objetar à essa manobra, dado que hoje o léxico se considera um componente “criativo” e as transformações se tem estendido a outros componentes; o verbo ergativo projetaria na sintaxe sua forma já intransitiva. Everett (1986-a, 1986-b) e Jo Napoli (1988) apresentam dificuldades para a generalização de Burzio e para as teses de Keyser e Roeger.
8. O critério temático exige que a cada argumento (ou cadeia argumental) corresponda uma e uma só função temática e a cada função argumento (ou cadeia argumental).
9. Também aos verbos ergativos se atribui ao sujeito uma função tema. E pode ver-se no exemplo abaixo o papel determinante do sentido do verbo dessa função:
- A chuva / o lápis / o governo / o argumento caiu a tempo.
10. E essa peculiaridade do sujeito (e, dentre os sujeitos, do agentivo) vai permanecer reminescente na linguagem do adulto: é justamente o elemento suscetível de se tornar vazio pela absorção de uma função temática (como no caso da passiva) ou de permanecer como expletivamente vazio e não tematizado (como nos verbos metereológicos e nos verbos de alçamento e nas construções ergativas), disponível como pouso de sintagmas nominais movidos.
11. O princípio (Chomsky, 1981) exige que todos os verbos atribuam pelo menos uma função temática e, no caso de uma função temática singular, a atribuam a um argumento externo seja na estrutura profunda, - seja mediante movimento de um argumento interno para a posição de sujeito (o que se correlaciona com a generalização de Burzio, no caso das construções ergativas). Em outros termos, toda oração possuiria um sujeito.
12. Na concepção chomskyana, são inatos os princípios que guiam a construção da gramática da criança e oferecem base explicativa para seu desenvolvimento. Para alguns esses princípios são fixos desde o início e ativos constantemente nesse processo. Para outros, os princípios não estão disponíveis em certos estágios do desenvolvimento da criança mas amadurecem em estágios posteriores. Em

qualquer caso, não são as experiências que determinam, no essencial, as estruturas linguísticas. A "hipótese da continuidade" pressupõe ou que as regras e sua aquisição são estritamente ordenados (o que contraria as posições mais atuais da teoria), ou que a criança opera inicialmente com as construções não-marcadas, mas a presença inicial de um padrão ergativo claramente marcado no português) no corpus analisado, aconselha-me a preferir a hipótese da maturação.

13. - Uma rápida revisão para um quadro de referências. São já conhecidas as peculiaridades das causativas com **fazer** deste o trabalho pioneiro de Kayne (1975). Em francês, essas causativas tem obrigatoriamente o sujeito da infinitiva em posição pós-verbal (caso das intransitivas) ou em posição preposicionada periférica:

i - Jean a fait partir ses amis

ii - Jean a fait manger le gateau a Marie

Para explicar essas construções (posposição do sujeito, alçamento do verbo, etc.,; vejam-se, além de Kayne, Rizzi, 1982; Manzini, 1983) propõe-se uma reanálise estrutural) que tem como resultado a formação de um predicado complexo constituída pelos dois verbos envolvidos. Uma das conseqüências dessa reanálise é o alçamento dos clíticos: estes, mesmo que semanticamente relacionados com o verbo encaixado, ligam-se fonética e sintaticamente no verbo matriz

i - Jean les a fai partir

ii - Jean l'a fait manger a Marie

BIBLIOGRAFIA

ARONOFF, M. (1976) - **Woro Formation in Generative Grammar**, Cambridge (Mass.): MIT Press.

ATTIÉ-FIGUEIRA, R. (1985) - **Causatividade: um Estudo Longitudinal de suas Principais Manifestações no Processo e Aquisição do Português por uma Criança**. Tese de doutorado. IEL-UNICAMP.

BITTENCOURT, V. de O. (1984) - "Sobre as Estruturas Causativas Sintéticas no Português". Manuscrito. UFMG.

BLOOM, L. (1970) - **Language Development: Form and Function in Emerging Grammars**, Cambridge (Mass.): MIT Press.

BORER, H. e K. Wexler (1987) - "The Maturation of Syntax". Em Roeper e Williams (eds.); 123-172.

BURZIO, L. (1981) - **Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries**. Tese de doutorado. MIT.

COMRIE, B. (1983) - "Markedness, Grammar, People and the World". Manuscrito, University of California.

- CHOMSKY, Noam (1981) - **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris.
 ——— (1986) - **Knowledge of Language**. New York: Praeger.
- EVERETT, D. (1986-a) - "On Romance 'Se' ". Manuscrito. IEL-Unicamp.
 ——— - "Possessor Raising and Ergative Structures in Brazilian Portuguese". Manuscrito. IEL-Unicamp.
- FRANCHI, C. (1975) - Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. **Tese de doutorado**. IEL-Unicamp.
 ——— (1986) - "**Reflexões sobre a Hipótese da Modularidade da Mente**". No Boletim da Ass. Bras. de Ling., 8: 17-36.
- FIENGO, R. (1980) - **Surface Structure: the Interface of Autonomous Component**. Harvard: Harvard Un. Press.
- GRUBER, J.S. (1965) - **Studies in Lexical Relations**. Indiana Linguistic Club.
- HYAMS, N. (1987) - "The Theory of Parameters and Syntactic Development". Em Roeper e Williams (eds.): 1-22.
- JACKENDOFF, R. (1972) - **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge (Mass.): MIT Press.
 ——— (1983) - **Semantic and Cognition**. Cambridge (Mass.): MIT Press.
 ——— (1986) - "The Status of Thematic Relations". Manuscrito.
- JO NAPOLI, D. (1985) - "Review on **Italian Syntax** by L. Burzio". Em *Language*, 64.1; 130-142.
- KAYNE, R.S. (1975) - **Syntaxe du Français**. Paris: Seuil.
- KAYSER, B.J. e T. Roeper (1984). "On the Niddle and Ergative Constructions in english". Em *Linguistic Inquiry*, 15.3; 381-416.
- MANZINI, R. (1979) - **Restructuring and Reanalysis**. Tese de doutorado. MIT.
- MARANTZ, A. (1984) - **On the Nature of Grammatical Relations**. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- MORENO, A.R. (1987) - "A Propósito de uma Analogia: a Tautologia de Chomsky-Fodor". Manuscrito. Unicamp.
- RIZZI, L. (1982) - **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris.
- ROEPER, T. e E. WILLIAMS (1987) - **Parameter Setting**. Dordrecht: Reidel.
- SHIBATANI, M. (1975) - **A Linguistic Study of Causative Constructions**. Tese de doutorado. Univ. of California.
- WILLIAMS, E.(1984) - "Grammatical Relations". Em *Linguistic Inquiry*, 15.4; 639-673.